HAL
open science

Descrição do verbo dar em frases sem sujeito para o processamento automático de linguagem natural (PLN)

Aucione D. Smarsaro, Eric Laporte, Larissa Picoli

To cite this version:

Aucione D. Smarsaro, Eric Laporte, Larissa Picoli. Descrição do verbo dar em frases sem sujeito para o processamento automático de linguagem natural (PLN). Congresso Nacional de Estudos Linguísticos, Oct 2013, Vitória, Brazil. pp.23-25. hal-01056183

HAL Id: hal-01056183

https://hal.science/hal-01056183v1

Submitted on 17 Aug 2014

HAL is a multi-disciplinary open access archive for the deposit and dissemination of scientific research documents, whether they are published or not. The documents may come from teaching and research institutions in France or abroad, or from public or private research centers.

L'archive ouverte pluridisciplinaire **HAL**, est destinée au dépôt et à la diffusion de documents scientifiques de niveau recherche, publiés ou non, émanant des établissements d'enseignement et de recherche français ou étrangers, des laboratoires publics ou privés.

Anais do II CONEL - Congresso Nacional de Estudos Linguísticos
Programa de Pós-Graduação em Linguística - Universidade Federal do Espírito Santo
Vitória (ES) • 2014 • ISSN 2237-9789

DESCRIÇÃO DO VERBO *DAR* EM FRASES SEM SUJEITO PARA O PROCESSAMENTO AUTOMÁTICO DE LINGUAGEM NATURAL (PLN)

Aucione Smarsaro[1], Éric Laporte[2]; Larissa Picoli[3]
[1]UFES, Vitória, ES, 29069-230, Brasil
[2]UFES, Vitória, ES, 29069-230, Brasil
[3]UFES, Vitória, ES, 29072-100, Brasil
aucione@uol.com.br; eric.laporte@univ-paris-est.fr; larissa_picoli@hotmail.com

RESUMO

Este artigo tem como objetivo descrever o verbo *dar* em frases com estrutura *dar* N_1 *em* N_2 do tipo, *Deu medo em João*, para elaboração de recurso linguístico. Aplicam-se às frases, em que N_1 seja substantivo abstrato, testes sintáticos formais e observam-se quais estruturas admitem/exigem um complemento N_2 obrigatório ou não. As propriedades sintático-semânticas representam as possibilidades de combinação dessa estrutura com outras, em contexto de uso. A descrição é feita a partir dos procedimentos de análise propostos pelo método do Léxico-Gramática, M. Gross (1975), que tem como meta o Processamento Automático de Linguagem Natural (PLN).

APRESENTAÇÃO DO TEMA

Há muitos estudos sobre verbo DAR que mostram sua produtividade em diversas estruturas, no entanto, há uma carência de estudos sobre esse verbo em frases sem sujeito.

Nesta pesquisa apresenta-se uma descrição sintático-semântica de construções formadas com verbo *dar* do tipo *dar* N_1 *em* N_2 em frases elementares com N_1 abstrato, por exemplo, *Deu problema no computador*, *Deu confusão na festa*, sendo N_1 o complemento direto e o N_2 o complemento indireto. Esse estudo pretende analisar os complementos do verbo *dar* e investigar se N_2 pode ser considerado um complemento essencial ou complemento circunstancial da frase.

1 O PROBLEMA: O COMPLEMENTO N_2 SER COMPLEMENTO ESSENCIAL OU COMPLEMENTO CIRCUNSTANCIAL

Nesta pesquisa percebeu-se que não é uma tarefa simples investigar se o complemento N_2 em *dar* N_1 *em* N_2 é complemento essencial ou complemento circunstancial. A gramática tradicional (GT) não apresenta de forma clara a distinção entre esses dois tipos de complementos: essencial e circunstancial. [1]CUNHA & CINTRA (2007) e [2]ROCHA LIMA (1994) usam a nomenclatura objeto para complemento essencial e adjunto para o complemento circunstancial, mas não discutem casos em que a diferença é tênue, como em *dar* N_1 *em* N_2.
[3]Evanildo Bechara (2009, p. 413) afirma que "um termo argumental o é por motivação das características sintáticas e semânticas da relação predicativa, e não apenas pelo conteúdo designado". Porém, essas propriedades semânticas do complemento essencial são vagas demais para poderem servir de critérios operatórios para determinar a natureza de um determinado complemento.

Laporte afirma em sala de aula que um complemento obrigatório é sempre um argumento, como se pode observar em (1) e (2)

(1) A carta está repleta de alusões
*(2) * A carta está repleta*

Em (2) percebemos que há necessidade de um complemento para *repleta.*

Um complemento facultativo, no entanto, pode ou não ser um argumento, como se pode observar em (3) e (4)

(3) João nadou na água
(4) João nadou

Embora tenha sido retirado o complemento *na água*, o exemplo (4) permaneceu aceitável. Para definir se esse complemento é essencial ou circunstancial é necessário aplicarmos critérios sintático-semânticos para decidirmos essa questão.

2. METODOLOGIA

Para a elaboração dessa pesquisa utilizamos o método do Léxico-Gramática desenvolvido pelo linguista [4]Maurice Gross (1975) que promove uma descrição minuciosa de propriedades de estruturas lexicais seguindo um empiricismo sistemático. Gross leva em conta o julgamento de aceitabilidade, no qual, podemos verificar, de acordo com a gramática e uso da língua, se uma frase é aceitável ou não para o tipo de estrutura que se está analisando. Marcamos as frases inaceitáveis com o sinal asterisco (*).

(5) *Deu lucro na fábrica*
(6) ** Deu lucro ao lado da fábrica*

Apresentamos alguns exemplos com substantivos abstratos (N_1) seguidos de N_2 obrigatório ou não. Procuramos mostrar as propriedades da construção ilustrada em frases. Os exemplos representam as propriedades da construção no período. Por exemplo, a análise de

(7) *Deu medo no avião*

não impede que a construção *dar medo em* N_2 aceite substantivos humanos em N_2 como, por exemplo,

(8) *Deu medo no rapaz*

Essas propriedades são investigadas por meio de testes formais. O teste não é necessariamente aplicado só no exemplo analisado, pode ser preciso construir outro exemplo, como *Deu medo no rapaz*, para se reconhecer as possibilidades de combinação dessa construção.

3 APLICANDO CRITÉRIOS PARA SE IDENTIFICAR O COMPLEMENTO N2 NA CONSTRUÇÃO *DAR N1 EM N2* COMO ESSENCIAL OU CIRCUNSTANCIAL

Considerando os exemplos

(9) *Deu lucro na fábrica*
(10) **Deu lucro ao lado da fábrica.*

No exemplo (9), aplicando-se o critério de substituição de *na fábrica* por um complemento nitidamente locativo, *ao lado da fábrica*, percebe-se a inaceitabilidade em (10) desse complemento locativo. Essa inaceitabilidade comprova que o N_2 *na fábrica* não pode ser um complemento circunstancial.

Outro critério para identificar se N_2 é complemento essencial ou complemento circunstancial é combinar esse complemento com outros verbos. Se muitos verbos aceitarem o mesmo complemento com as mesmas propriedades, trata-se de um complemento circunstancial, como se pode observar nos exemplos (11) (12) e (13)

(11) *Choveu ao meio dia*
(12) *Teve show ao meio dia*
(13) *Apareceu turista ao meio dia*

Nos exemplos de (11) a (13) o complemento *ao meio dia* pode ser empregado em frases com outros verbos. Dessa forma, entende-se que *ao meio dia* seria um complemento circunstancial.

Para classificar N_2 em complemento essencial ou complemento circunstancial é preciso levar em conta que a distribuição de um complemento essencial pode depender do predicado, ao passo que a distribuição de um complemento circunstancial não, como nos exemplos a seguir

(14) *João confia em Maria*
(15) **João confia a Maria*
(16) *João serve de refém*
(17) **João serve de sinceridade*

No exemplo (14) o verbo *confiar* impõe a preposição *em*. E em (16) o verbo *servir* limita os tipos de substantivo complemento. Isso mostra que em (14) e (16) os complementos são essenciais.

Há complementos circunstanciais locativos, nos quais a preposição e os tipos de substantivos são os mesmos para quase qualquer verbo:

(18) *João (falou + dormiu + acordou + tomou banho) (em um jardim + atrás da rua + ao lado da pracinha + dentro do carro)*

Marcam-se com sinal (+) as possibilidades de inserção dos termos na frase. Pode-se substituí-lo por *ou*.

Há verbos que exigem complemento obrigatório. No exemplo (19)

(19) *Marina mora em Vitória,*

o complemento é exigido pelo verbo *morar* e, portanto, é essencial. Agora em

(20) *Marina comprou a casa em Vitória,*

o complemento *em Vitória* não é um termo exigido pelo verbo *comprar*. Como ocorre com o verbo *morar* em (19). Nesse caso, trata-se complemento circunstancial locativo.

Um complemento pode ainda ser circunstancial, quando indicar posição de algo, objeto ou pessoa, em relação a um lugar. Quando se constrói uma frase formando estruturas como em (22), inserindo *e isso aconteceu* e a frase obtida é aceitável e conserva o mesmo sentido, verificamos que o N_2 *na festa* é um complemento circunstancial

(21) *Deu confusão na festa*
(22) *Deu confusão e isso aconteceu na festa*

Caso a transformação seja inaceitável, o N_2 é complemento essencial, conforme o exemplo (23).

(23) *Deu asma no menino*
(24) **Deu asma e isso aconteceu no menino*

Outro critério é transformar N_2 em sujeito,

(25) *Deu defeito na máquina*
(26) *A máquina deu defeito*

Quando um complemento pode assumir a posição de sujeito, isso indica que se trata de um complemento essencial, como se pode constatar em (26).

4 CONCLUSÃO

O método do Léxico-gramática orienta a comprovação das análises não pela intuição, mas por meio de critérios formais, o que garante maior confiabilidade dos resultados.

A aplicação de critérios formais permite a observação e descrição das propriedades sintático-semânticas em construções do tipo dar N_1 em N_2, que comprovem o caráter essencial ou não do complemento N_2. Com a aplicação de testes formais podemos afirmar que essa construção ocorre em frases em que o N_2 é um complemento essencial como, por exemplo, em *Deu febre no paciente*, e em casos em que N_2 é um complemento circunstancial como, por exemplo, em *Deu confusão na festa*.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

[1] CUNHA, Celso; CINTRA, Luís F. Lindley. *Nova gramática do português contemporâneo***.** 4. ed. rev. e ampl. Rio de Janeiro: Lexikon, 2007.

[2] LIMA, Rocha. *Gramática normativa da língua portuguesa.* 32. ed. - Rio de Janeiro: J. Olympio, 1994.

[3] BECHARA, Evanildo. *Moderna gramática portuguesa*. 37ª Ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2009, p. 413.

[4] GROSS, Maurice. *Méthodes en syntaxe*, Paris: Hermann, 1975.

[5] LAPORTE, Éric; ROCHA, Lúcia H. P da; SMARSARO, Aucione. Um recurso linguístico para o processamento automático de linguagem natural: descrição do verbo passar. In: CARMELINO, A. C. et al (org). *Questões linguísticas diferentes abordagens*. Vitória PPGEL/UFES, 2012 p.141-156.

[6] _____; PACHECO, Wagner L. Descrição do verbo cortar para o processamento automático de linguagem natural. In: LAPORTE, Éric et al. *Dialogar é preciso*. Linguística para o processamento de línguas. Vitória PPGEL/UFES, 2013, p. 165-175.